

}2.3

Simone Weil nasceu há cem anos

Efeméride

Pouco conhecida em Portugal, mau grado a recente tradução na Assírio e Alvim da sua obra *A espera de Deus*, na colecção Epifanias, que dirige Tolentino Mendonça, Simone Weil, constitui sem dúvida um dos testemunhos mais cativantes do compromisso místico, revolucionário e cristão, do século XX.

O sucesso, desde a sua aparição, das obras de Simone Weil, bem como de vários textos, alguns biográficos, como *Simone Weil telle que nous l'avons connue* de J. M. Perrin e Gustave Thibon (Fayard 1967) e *Vie de Simone Weil* de Simone Pétrement (Fayard 1973), que lhe foram consagrados, mostram a influência que teve particularmente no Catolicismo francês, esta judia que se quis ficar sempre pelas suas intuições pré-cristãs (*Intuitions pré-chrétiennes*, Fayard, n.elle ed.1985).

Nascida em Paris em 3 de Fevereiro de 1909, era filha de Bernard Weil médico nascido em Strasbourg em 1872, procedente duma velha família de homens de negócios e comerciantes judeus de origem alsaciana, que rompendo com a tradição familiar optou pela carreira de Medicina; pela parte de sua mãe, descendia duma família muito culta que se trasladou para a Rússia e na época dos tumultos anti-semitas de 1882 para Amberes, onde Rudolfo Rainherz, pai de Salomé, mãe de Weil, se dedicou a negócios de importação/exportação, obtendo a nacionalidade belga. Um e outro eram judeus.

A sua educação vai estar a cargo de sua mãe, mulher generosa, enérgica e apaixonada, mas que não exerce uma educação autoritária sobre os filhos. Desde o começo, a pequena Weil terá problemas de saúde, inchavam-lhe as

mãos por problemas circulatórios. Um seu professor do liceu Fénélon de Paris dirá dela: "um físico de criança, mãos incapazes... uma cabeça extraordinária... Dava-nos a impressão de ter outra origem, um pensamento estranho ao de nossa idade e ao nosso ambiente. Parecia ter vivido muito mais...".

No liceu Henri IV, o filósofo Alain, que tanto a influenciaria, chamar-lhe-á marçiana, porque dizia que "nada tinha a ver conosco e nos julgava a todos desde cima".

A "marçiana" impressionava não apenas por causa da sua capacidade intelectual, mas sobretudo por causa da inquietação do seu espírito, devido a uma enorme cultura bebida em casa, na escola, e no contacto com a vida.

Em 1925, Simone matricula-se no liceu Henri IV, onde seguiu os três anos de preparação para entrar na Escola Normal Superior e onde vai encontrar um dos mestres da sua vida, Émile Chertier, que costumava assinar e é conhecido por Alain. Um dos seus melhores biógrafos Simone Pétrement (*La vie de Simone Weil*, Paris, 1997, Fayard) afirma que este encontro significou uma "espécie de fractura e de novo nascimento".

Alain gozava da fama de ser algo anarquista, avesso às vaidades académicas, mas sobretudo de ser um grande educador. O seu pensamento de recorte radical, chegou-nos através de aforismos e fragmentos e foi publicado em quatro volumes na célebre *Pléiade*, sob o título genérico de *Propos*.

Alain costumava pedir aos alunos que depositassem numa taça alguns temas para ele desenvolver. Alguns que se conservam de Weil revelam o seu carácter batalhador. Assim a descreve S. Pétrement, na época sua colega de carteira: "a cara pequena, afilada, devorada pelo cabelo e os óculos. O nariz delgado, os olhos negros, que olhavam fixamente com atrevimento, o pescoço estendido para diante, davam a ideia duma curiosidade apaixonada, quase indiscreta; mas a boca carnuda tinha algo de doçura e de bondade". A isto acrescentava um certo desalinho no vestir que o irmão André atribuía á educação materna: "não ensinou nunca a minha irmã o que as jovens em geral aprendem de sua mãe: vestir adequadamente, pôr-se um pouco de maquilhagem e coisas assim".

Esta mistura, algo explosiva reflectir-se-á em toda a sua vida: será militante sindicalista, revolucionária, mas livre de qualquer partido. Em 1934 abandona a sua carreira de professora e faz-se operária. Em 1936, compromete-se na guerra de Espanha. Em 1938, uma iluminação transforma a sua vida: "Cristo desceu e tomou-me". Em 1941, refugiada no sul, conhece os dominicanos de Marselha e Gustave Thibon, difunde o jornal *Témoignage Chrétien*. Em 1942, embarca para Nova York com os seus pais, mas compromete-se com a guerra e serve em Londres a partir do fim de 1942. Morre, extenuada no sanatório de Ashford em 24 de Agosto de 1943.

Curiosamente o primeiro contacto de Simone Weil com o Cristianismo dá-se em Portugal, quando por ocasião duma visita a Espanha com seus pais, vem a Viana do Castelo e participa e observa uma procissão nos arredores da princesa do Lima. Na carta autobiográfica ao P. Perrin refere-se a este acontecimento da seguinte forma: "junto ao mar celebrava-se a festa do padroeiro. As mulheres dos pescadores iam em procissão em seus barcos levando os círios e entoavam cantos, sem dúvida muito antigos, duma tristeza que atormentava... Ali, de repente, tive a certeza que o Cristianismo é por excelência a religião dos escravos, que os escravos não podem deixar de pertencer a ela e eu com eles".

Outra experiência importante foi a sua estadia em Assis em 1937, sobre a qual escreve: "Em 1937 passei em Assis dois dias maravilhosos. Ali enquanto estava sozinha na capela românica do séc. XII de Santa Maria dos Anjos, incomparável milagre de pureza, em que tantas vezes rezou S. Francisco, algo mais forte que eu me obrigou, pela primeira vez na minha vida, a ajoelhar-me".

Em 1938, por altura da Páscoa, Simone decide passar em Solesmes, com sua mãe, toda a Semana Santa. Na importante carta ao P. Perrin, a menina judia descreve assim a sua experiência: "Em 1938 passei dez dias em Solesmes, do domingo de Ramos a terça feira de Páscoa e assisti a todos os officios. Tinha fortíssimas dores de cabeça, qualquer som me perturbava como se fosse um golpe e somente um esforço extremo de atenção me permitia sair da minha miserável carne, deixá-la sofrer só, recolhida num canto e encontrar uma alegria pura e perfeita na inaudita beleza do canto e das palavras. Esta experiência permitiu-me, por analogia, compreender melhor a possibilidade de amar o Amor divino através do sofrimento. Durante estes officios era natural que entrasse em mim de uma vez para sempre o pensamento da Paixão de Cristo".

Três acontecimentos que ligados ao contexto da guerra iminente, e sua penosa condição física, iriam marcar o seu futuro espiritual e o seu compromisso com os homens.

O começo da guerra, que pressentira, fá-la emigrar para a América e depois regressar a Londres, onde se compromete, na retaguarda, no apoio aos soldados, vindo a falecer num sanatório de Kent, em fins de Agosto de 1943.

O percurso de Weil tem sido diversamente apreciado do ponto de vista espiritual.

Na sua célebre obra *Littérature du XXème siècle et Christianisme*, (Tournai, Casterman 1959, I, *Silence de Dieu*) Charles Moeller, aprecia-a como mártir da caridade, mas assimila a sua vida ao maniqueísmo e ao estoicismo. Para Ch. Moeller, "o drama do seu espírito foi a obsessão duma certeza matemática em matérias onde só a palavra de Deus fornece clarezas últimas. O seu sistema

é perfeitamente lógico; visa uma evidência, uma certeza. Era isso que ela procurava. É necessário dizer aqui como a propósito de Huxley que o fundo da gnose é o racionalismo. Na base há o desejo de se salvar a si mesmo pelas suas próprias forças; há negação da graça, negação do Deus amor".

O racionalismo continua Moeller conleva sempre a aparição do extremo oposto, a obsessão da matéria. O sensualismo secreto de Simone Weil é indesmentível. Mais ainda, afirma o professor de Lovaina, o pensamento de Simone Weil é um novo catarismo que é necessário denunciar.

Para finalizar este juízo crítico, afirma o mesmo professor, numa obra que foi de referência: "não digo que Simone Weil é uma herética perversa e consciente, mas uma vítima da solidão intelectual, a prova trágica que é vão para o homem renegar a sua condição".

Este julgamento está longe de ser universal.

Gustave Thibon considera-a, no prefácio à primeira edição da obra *La Pesanteur et la grâce*, um clássico cristão digno de Pascal e a tese do catarismo ou gnosticismo de Simone Weil é difícil de sustentar quando lemos numa das suas obras *Cahiers*, que a passagem à transcendência se dá quando as faculdades humanas – inteligência, vontade, amor humano – chocam contra um limite e o ser humano pára diante dum muro que não pode rebaixar e isto sem deixar separar-se dele, sem saber o que deseja, tenso na espera.

Julgar a obra de Weil a partir do mero conflito fé-razão é muito pouco, para quem se identificou, ao menos misticamente, com a paixão de Cristo.

O leitor poderá encontrar as obras completas de Simone Weil em *Oeuvres Complètes*, Paris, Gallimard 1988;

A editorial Trotta de Madrid traduziu algumas obras fundamentais de Simone Weil, tais como:

La gravedad y la gracia (1998);

Cuadernos (2001);

Reflexiones sobre las causas de la libertad y de la opresión social (Madrid 1995).

Sobre Simone Weil são de recomendar as seguintes biografias:

J. M. Perrin e G. Thibon, *Simone Weil telle que nous l'avons connue* (Paris 1952).

Simone Pètrement, *La vie de Simone Weil* (Paris, 1997); trad. esp. Madrid, Trotta 1997.

Roberto Rondanina, *Simone Weil, mística y revolucionaria* (Madrid 2004).

Em língua portuguesa, além da obra citada, o leitor poderá encontrar as seguintes traduções:

Carta a um homem religioso, Coimbra, Ariadne Editora, 2003.

A Gravidade e a Graça, Lisboa, Relógio d'Água, 2004.

A Fonte grega, Lisboa, Cotovia, 2006.

Arnaldo de Pinho